

VICTOR S. GONÇALVES, ed.



# Muitas antas, pouca gente?

Actas do I Colóquio  
Internacional sobre  
Megalitismo

# Arquitectura, espólio e rituais de dois monumentos megalíticos da Beira Interior: estudo comparado

■ JOÃO LUÍS CARDOSO<sup>1</sup> ■ JOÃO CARLOS CANINAS<sup>2</sup> ■ FRANCISCO HENRIQUES<sup>3</sup>

**RESUMO** Apresenta-se estudo comparado de dois monumentos megalíticos situados no Couto da Espanhola, na área do Tejo internacional. Tratam-se de estruturas distintas do ponto de vista arquitectónico e artefactual. Ambas evidenciam reutilizações, chegando num dos casos até à Idade do Bronze. As pesquisas realizadas pela Associação de Estudos do Alto Tejo, desde 1980, conduziram à identificação nesta região de um importante complexo megalítico, constituído por cerca de 80 sepulturas, menires, recintos e rochas gravadas com covinhas, que constituirá futuro objecto de estudo.

**ABSTRACT** This is a comparative study of two megalithic monuments situated in Couto da Espanhola, in the area of the international Tejo. These are two distinct structures from an architectonic and artifactual point of view. Both have evidence for reuse, in one case, until the Bronze Age. Research conducted by the Associação de Estudos de Alto Tejo, since 1980, was carried out to identify in this region an important megalithic complex, composed of around 80 burials, menhirs, sanctuaries, and engraved rocks with cup-marks, and will constitute a future object of study.

## I. Introdução

---

O Sul da Beira Interior permaneceu, até época muito recente, quase desconhecido no que concerne ao seu património arqueológico megalítico. As explorações efectuadas no início do século por F. Tavares de Proença Júnior na Anta da Urgueira, em Vila Velha de Ródão (Proença, 1910), bem como em outros monumentos que não veio a publicar, seguida da efectuada por F. Alves Pereira na Anta Grande de Medelim, em Idanha-a-Nova (Pereira, 1934), apenas na segunda metade do século tiveram continuidade, ainda que esporádica. Referimo-nos às explorações efectuadas por O. da Veiga Ferreira e F. de Almeida em diversos monumentos do concelho de Idanha-a-Nova, com destaque para a escavação da Anta da Granja de S. Pedro (Almeida e Ferreira, 1958, 1959, 1971).

Devem também referir-se os inventários realizados por G. e V. Leisner, especialmente na região de Proença-a-Nova, onde registaram cerca de 90 monumentos funerários megalíticos (Kalb, 1990). Em 1973, foi identificado o primeiro recinto megalítico, em Fonte Fundeira, Castelo Branco (Henriques, 1974). Os trabalhos referidos não interessaram, porém, o canto sudeste da Beira Interior, correspondente a sector da margem direita do Tejo Internacional, tal é o objecto do Projecto de Investigação no qual se integram as escavações até ao presente realizadas.

Trata-se de região naturalmente delimitada pelos rios Tejo, a Sul, Erges, a Leste, e Ponsul, a Oeste, correspondente a território de geometria sub-rectangular com uma área aproximada de 40 x 20 km<sup>2</sup>. Em tal região, o fenómeno megalítico permaneceu quase desconhecido até finais da década de 1970, altura em que se iniciaram trabalhos de reconhecimento na região de Rosmaninhal, os quais vieram revelar, no decurso dos anos subsequentes, um número crescente de monumentos megalíticos (Henriques et al., 1993, 1995).

Nos inícios da década de 1990, estavam referenciados cerca de 60 monumentos megalíticos na região do Rosmaninhal e 25 na região de Malpica do Tejo-Monforte da Beira, revelando, na maioria dos casos, bom estado de conservação.

Tal facto deveu-se, em parte, a baixa densidade populacional desta região, bem como às práticas agrícolas ou florestais. Com efeito, domina o montado de sobreiros ou azinheiras, pontuando a paisagem, e alternando a ocupação do solo, até época recente, com explorações cerealíferas extensivas. Apenas nos domínios atingidos pelas explorações de eucaliptos, especialmente na área de Malpica-Monforte, as destruições se revelaram significativas (Caninas e Henriques, 1995).

Deste modo, impunha-se a implementação de estudo, metódico e programado, deste notável conjunto megalítico, o qual veio a ser superiormente aprovado pelo Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico em 1993; “Ocupação Pré-Histórica do Alto Tejo Português”. No âmbito deste projecto, e no que ao megalitismo diz respeito, investigaram-se, até ao presente, quatro monumentos:

- o menir de Cegonhas, em 1993 (Cardoso et al., 1995a);
- a anta 6 do Couto da Espanhola, em 1995 (Cardoso et al., 1995b);
- o recinto megalítico do Couto da Espanhola, em 1995 (Cardoso et al., 1996a);
- a anta 2 do Couto da Espanhola, em 1996, (Cardoso et al., 1997).

Neste estudo apresentar-se-á um primeiro ensaio versando a comparação entre a arquitectura e os espólios exumados nos dois monumentos funerários até ao presente escavados: as antas 6 e 2 do Couto da Espanhola.

## **2. Aspectos geo-ambientais**

---

A área onde se implantam os dois monumentos megalíticos em apreço, corresponde a afloramentos de xistos e grauvaques do complexo xisto-grauváquico ante-Ordovícico, ali representados por unidade, essencialmente, turbidítico-conglomerática: a Formação do Rosmaninhal (Oliveira, 1992).

Os terrenos paleozóicos encontram-se sobrepostos por coberturas detríticas essencialmente areno-conglomeráticas de aspecto arcósico, onde predominam grosseiros grãos de quartzo mal rolados, de coloração esbranquiçada a avermelhada, consoante a menor ou maior oxidação dos depósitos. A sua idade foi situada no Eocénico ou Oligocénico (Oliveira, 1992).

Estes depósitos ocupam, em geral, a parte superior dos pequenos cabeços que caracterizam o relevo da região — como se verifica no local da anta 2 do Couto da Espanhola com a altitude de 305 m — ou ocupam áreas planálticas, mais extensas, muito marcadas pela erosão, como se observa na zona do outro monumento em apreço, distanciada do primeiro cerca de 1000 m para NE e à altitude de 340-350 m.

## **3. Aspectos arquitectónicos, rituais e espólios recolhidos**

---

### *3.1. A anta 6 do Couto da Espanhola*

A anta 6 do Couto da Espanhola é um pequeno monumento desprovido de corredor cuja evolução arquitectónica conheceu três momentos principais (Cardoso et al., 1995b).

A primeira fase corresponde à edificação de uma câmara de pequena altura, constituída por esteios de xisto e de grauvaque, definindo recinto de planta ovalada, com os comprimentos máximos e mínimo de 280 cm e 220 cm. Na segunda fase, o espaço interior foi segmentado, através da construção de um septo longitudinal, dando origem a duas câmaras, usadas em simultâneo. Por último, no decurso da última fase, a câmara meridional foi entulhada, enquanto o septo anteriormente construído foi prolongado, transformando a câmara setentrional do monumento em sepultura sub-rectangular cistóide.

O conjunto descrito, constituindo o núcleo do monumento, era coberto por montículo artificial, obtido por acumulação de blocos de xisto, de grauvaque e de quartzo, estes últimos dominantes na parte superior do cairn assim construído. Esta é uma das características dos monumentos megalíticos da região, os quais, generalizadamente, evidenciam cobertura das respectivas mamoas por blocos de quartzo leitoso, conferindo-lhes uma visibilidade no terreno que de outro modo não teriam.

Trata-se pois de megálito de características arcaicas, as quais são reforçadas pelo espólio recolhido. Neste, encontra-se documentada apenas as segunda e terceira fases de ocupação do monumento; as suas características são, no entanto, distintas: assim, enquanto no conjunto mais antigo se encontra representado o machado de talão picotado, associado a um crescente e um trapézio, além de uma lamela (materiais de sílex ou de calcedónia), o conjunto mais recente — onde igualmente ocorria um machado de talão picotado — diferenciava-se do anterior pela presença de uma pequena enxó e de fragmentos de, pelo menos, três recipientes cerâmicos, totalmente ausentes do anterior conjunto.

### 3.2. A anta 2 do Couto da Espanhola

A anta 2 do Couto da Espanhola apresenta uma estrutura funerária composta por câmara e corredor, envolvida por um tumulus de simetria circular (Cardoso et al., 1997).

A câmara, de contorno subcircular, de pequena altura, conserva cinco esteios de grauvaque, embora pudesse conter, originalmente, nove esteios. A pequena altura desta câmara pode explicar-se por limitações inerentes à matéria-prima disponível, de natureza xisto-grauváquica, sendo de admitir a possibilidade de a cobertura da câmara ter sido assegurada por estrutura perecível.

O corredor é estreito e alongado (7,5 m), alargando progressivamente para a entrada, situada na intersecção com a coroa exterior de blocos que limitam a mamoa. É definido por esteios de xisto, do lado Sudeste e de grauvaque, do lado Nordeste, dispostos ao baixo, o que contribui para a ainda menor altura (altura máxima de 0,5 m) deste sector do monumento em relação à da câmara. Por isso, é pouco provável a sua utilização para aceder à câmara; terá sido, no entanto, utilizado como espaço funerário secundário.

Finalmente, a mamoa, que teria inicialmente um diâmetro próximo de 15 metros, é constituída por blocos angulosos de xisto, grauvaque e quartzo engrenados uns nos outros e formando montículo melhor conservado nos dois quadrantes meridionais, sendo, ainda, limitada por anel de contenção definido por blocos de quartzo e de xisto. A exemplo de outros monumentos da região a concentração de quartzo leitoso na superfície da mamoa conferia-lhe visibilidade.

Na câmara, a deposição funerária parece estar marcada por delgada laje de ardósia, com cerca de um metro de comprimento, colocada no chão da câmara. Sobre esta superfície terá sido depositado um cadáver e diversos artefactos. O espólio aí recolhido é constituído por duas pontas de seta de base e bordos convexos e outra de base pedunculada

espessa e de bordos convexos, geométrico de base plana e truncatura côncava alongada, grande lâmina de bordos não retocados, em sílex, e machado estreito e alongado polido apenas no gume e de secção aproximadamente rectangular, em anfiboloxisto.

Na vizinhança desta laje recolheram-se quatro pontas de seta de base convexa, bicôncava e côncava (duas), em sílex, um machado de secção quase circular, de anfiboloxisto, um percutor esférico de quartzo, com sinais de utilização e um polidor-brunidor em seixo de quartzito.

Neste conjunto, marcado pela heterogeneidade tipológica das pontas de seta, a cerâmica encontrava-se ausente.

O espólio recolhido no resto da câmara integra pontas de seta (base convexa, triangular e bicôncava), lamela e grande lâmina não retocada, pequeno trapézio muito irregular, de base côncava, pequeno núcleo de lamelas, pequena enxó de secção rectangular, conta toneliforme com perfuração bicôncava, grande conta discóide com perfuração des centrada e secção bicônica, pequeno disco com perfuração central, grande disco de bordos abruptos e pequenos fragmentos de cerâmica incaracterísticos.

Na camada superficial, da câmara, recolheram-se fragmentos de duas taças da Idade do Bronze.

No corredor parecem evidenciar-se três conjuntos de artefactos:

- o primeiro é constituído por quatro pontas de seta (bases convexa, triangular, bicôncava e côncava) e diversos fragmentos de cerâmica incaracterísticos; parece constituir depósito votivo colocado à entrada do monumento;
- o segundo, situado na parte média do corredor, integrava seis pontas de seta (bases convexa, bicôncava, triangular, recta e côncava), fragmento de placa de xisto com decoração geométrica muito irregular de aspecto esgrafitado e diversos fragmentos de cerâmica entre os quais pequena taça lisa em calote;
- o terceiro conjunto, localizado junto à passagem para a câmara, integrava três pontas de seta (bases convexa, recta e côncava), dois machados, afeiçoados por polimento apenas nos gumes, de secção aproximadamente rectangular e sem sinais de uso e diversos fragmentos de cerâmica com destaque para fragmento de taça carenada.

O segundo e terceiro conjuntos poderão integrar um segundo enterramento efectuado no corredor cujo espólio foi possivelmente disperso devido às perturbações induzidas pelo arranque de alguns esteios do corredor. Outra hipótese seria a de considerarmos o conjunto intermédio como representando uma tumulação independente, muito afectada por violação naquela zona do corredor. Assim se explicaria a ausência de peças de maiores dimensões como os machados, naturalmente mais fáceis de identificar e de recolher pelos violadores.

Tal como se observa no espólio da câmara, a diversidade tipológica das pontas de seta evidencia a ausência de significado cronológico de tais diferenças (Uerpmann, 1995).

A ocorrência na mamoa de provável braçal de arqueiro incompleto, em xisto, parece documentar a reutilização do monumento em época campaniforme, realidade cultural já detectada em Cabeço do Trigo, povoado calcolítico da região (Vilaça, 1995; Vilaça e Cristóvão, 1995).

## 4. Integração cronológico-cultural

---

### 4.1. Anta 6 do Couto da Espanhola

O espólio apresenta distribuição diferenciada em função da evolução da arquitectura do monumento. Enquanto que no pequeno recinto ocidental pontificava a indústria lítica de carácter microlítico, da área cistóide, correspondente à terceira fase de utilização, proveio toda a cerâmica recuperada no monumento.

Quanto à indústria lítica, refira-se que a associação de pequenos micrólitos, especialmente o pequeno crescente com retoque abrupto, a lâmina e lamela não retocadas, ou com retoque apenas marginal e descontínuo, foi assinalada por M. Heleno em pequenas câmaras fechadas, pouco altas, construídas de lages e blocos toscos, do limite ocidental da peneplanície alentejana (Leisner, 1983, p. 9-10).

Um dos sepulcros, considerado representativo desta fase primitiva do megalitismo do Centro e Sul de Portugal corresponde ao pequeno monumento 3 do Azinhal, situado perto do Ciborro. Continha alguns micrólitos trapezoidais de forma evoluída, dois raspadores semicirculares, duas pequenas lâminas finas e um pequeno machado cilíndrico grosseiro.” (Leisner, 1983, p. 11). A planta e dimensões deste sepulcro, bem como o espólio nele encontrado aproximam-no singularmente da primeira fase de ocupação da anta 6 do Couto da Espanhola.

Por outro lado, o monumento 10 das Areias (Reguengos de Monsaraz), constituído por uma pequena câmara de planta rectangular aberta muito semelhante à da última fase do monumento em estudo (Leisner e Leisner, 1951), apresenta grande analogia do ponto de vista arquitectónico com a anta 6, sendo porém, o espólio que ofereceu, exclusivamente cerâmico.

Já no litoral alentejano, o pequeno monumento megalítico do Marco Branco, atribuído à fase mais antiga do megalitismo na região (Silva e Soares, 1983, 1992; Silva, 1985), é caracterizado igualmente por uma câmara fechada de planta ovalada e onde se terá efectuado um número reduzido de deposições (3). Do espólio recolhido na câmara encontra-se igualmente ausente a cerâmica (embora esta ocorra no tumulus) e pontificavam igualmente as indústrias microlíticas sem pontas de seta.

A anta 6 é tipologicamente equiparável ao momento considerado mais antigo do megalitismo da serra da Aboboreira representado por “dólmen simples, de câmara poligonal, provavelmente fechado com tumulus em terra de dimensões medianas” (Cruz, 1992, p. 97). A analogia da situação descrita com a daquele monumento é acentuada pelo espólio assinalado por Cruz (1992) para aquela fase do megalitismo caracterizada por “peças, de tipologia arcaizante, destacando-se os micrólitos, trapezoidais e crescentes, lâminas e lamelas de sílex, artefactos de pedra polida - machado e enxós ...” (Cruz, 1992, p. 97), que é exactamente a situação identificada no monumento em apreço, que cronologicamente poderá ser situado no âmbito do esquema proposto entre 4500-3700 cal BC.

Pelo exposto cremos estar em presença de um monumento que corporiza a fase mais recuada do megalitismo na região com paralelos conhecidos bem datados tanto no Norte como no Sul do País. Esta interpretação é preferível, quanto a nós, à alternativa de considerar este monumento no quadro de um polimorfismo sincrónico, em que coexistiriam simultaneamente diversos tipos arquitectónicos, como o defendido por Bueno Ramírez (1994). Acresce que não é razoável defender-se o sincronismo de espólios tão diferenciados tipologicamente: nuns pontificam as indústrias microlíticas, e entre estas artefactos arcaicos; noutros, predominam pontas de seta e lâminas, associadas à placa de xisto.

Em conclusão, o monumento 6 do Couto da Espanhola terá conhecido três fases de utilização distintas embora separadas por curto intervalo de tempo. A fase mais antiga, correspondente à ocupação integral da câmara, não se encontra representada no espólio: o interior do monumento terá sido totalmente limpo aquando da sua remodelação, consubstanciada pela construção do septo longitudinal. A fase intermédia, em que ambos os espaços separados por aquela construção foram reutilizados, encontra-se documentada pelos materiais exumados no recinto meridional, cuja tipologia é arcaizante. Enfim, a fase mais recente está representada por uma deposição individual sendo o morto acompanhado de um machado e de uma enxó, além de diversos recipientes cerâmicos, ausentes do conjunto mais antigo. Esta associação tem sido por várias vezes valorizada no quadro de uma economia agro-pastoril nascente. Leisner (1983, p. 11) assinala no Alentejo central “pequenas câmaras sem corredor, nas quais, ao lado do cadáver sepultado, seguramente ao comprido, estava, no chão, uma enxó e um machado cilíndrico.”

Não deixa de ser curioso notar que no quadro de uma tal economia de produção, ainda muito incipiente, as enxós não fazem parte dos espólios funerários dos monumentos megalíticos ou protomegalíticos mais antigos, como se verifica na primeira fase de utilização do monumento 6 do Couto da Espanhola. A enxó exumada no contexto mais tardio deste monumento serve apenas de contraprova à plausibilidade de tal observação.

#### *4.2. Anta 2 do Couto da Espanhola*

Este monumento conservou vestígios de ter albergado dois (ou três) cadáveres, o primeiro depositado na câmara, o segundo (e o terceiro) na parte do corredor mais próximo daquela, cada um deles acompanhado de artefactos de uso comum e de peças de adorno.

É interessante salientar algumas diferenças nos respectivos espólios. Na câmara recolheram-se indústrias microlíticas e objectos de adorno que não ocorrem no corredor, onde apenas se identificaram pontas de seta entre o material de pedra lascada.

Por outro lado, é do corredor que provêm os dois únicos fragmentos cerâmicos tipologicamente definidos — uma taça em calote e uma taça carenada — contrastando com a situação observada na câmara onde, apenas se recolheram pequeníssimos fragmentos cerâmicos, alguns deles fortemente erodidos.

Tal facto sugere a existência de prática ritual, segundo a qual terras das áreas habitacionais eram intencionalmente transportadas para o recinto funerário, à semelhança do verificado, em monumentos megalíticos de outras regiões do país. É o caso, para só citar dois monumentos geograficamente distantes, da Mamoa 2 de Pena do Mocho monumento do planalto mirandês onde para além de fragmentos de cerâmica se recolheram outros artefactos de índole doméstica oriundos seguramente da área habitacional (Sanches, 1996, p. 40) e do monumento protomegalítico do Marco Branco em cujo tumulus também se identificaram cerâmicas e outros artefactos atribuídos a terras ali depositadas provenientes da área habitacional (Silva e Soares, 1983).

No estado actual dos nossos conhecimentos, tais fragmentos cerâmicos seriam reflexo de povoamento pouco concentrado corporizado por pequenos núcleos habitacionais dificilmente localizáveis no terreno dada a escassez de vestígios. Esta situação contrastaria com a deliberada visibilidade atribuída aos monumentos funerários, com equivalência no Alto Alentejo (Gonçalves e Sousa, 1997).

Pelo que se disse anteriormente, pode admitir-se que as duas (ou três) prováveis tumulações efectuadas na Anta 2 do Couto da Espanhola se teriam realizado em dois momentos

culturalmente distintos embora provavelmente integrados no Neolítico Final-Calcolítico Inicial da região.

O momento mais antigo encontra-se representado pelo espólio da câmara onde, na tradição anteriormente verificada na região (Cardoso et al, 1995b), não ocorrem recipientes cerâmicos. Com efeito, estes apenas surgem no corredor, ainda que em número muito escasso, estando presente a taça carenada, uma das formas características do Neolítico Final da Estremadura, embora nos povoados e monumentos megalíticos do Alto Alentejo se tenha prolongado aparentemente pelo Calcolítico.

A exuberante variedade das pontas de seta deixa transparecer a existência de comércio transregional destes objectos. Assim sendo, as cinco pontas de seta de base côncava, com acabamento mais perfeito que a globalidade das restantes, teriam origem diferente.

Sob este aspecto é fácil entrever entre a região estremenha e a Beira Interior a existência de trocas comerciais, veiculadas pela importante via de comunicação constituída pelo Tejo e seus afluentes; por ali se faria a permuta do sílex, particularmente abundante na primeira daquelas regiões, por anfibolitos, frequentes nesta última.

Com efeito, o conjunto das vinte e cinco pontas de seta recuperadas neste monumento afigura-se em tudo semelhante a um qualquer conjunto proveniente de sepulcro estremenho. Veja-se como exemplo o recentemente publicado das Grutas da Senhora da Luz (Cardoso et al., 1996b). Em contrapartida, os machados de ambas regiões são claramente diferentes. Enquanto na Beira Interior dominam machados cuneiformes, volumosos, de secção quadrangular e mal polidos, na Estremadura, os machados de anfibolito apresentam-se mais achatados, de gumes mais desenvolvidos e em geral com melhor acabamento. Tais factos reforçam, assim, a hipótese de na Beira interior as pontas de seta poderem corresponder a verdadeiras importações, ao contrário dos machados que, ao revelarem formas específicas à região em apreço, traduzem o aproveitamento de matéria-prima localmente disponível. Esta seria objecto de exportação em bruto para a Estremadura, por permuta com o sílex ali abundante.

Trata-se, afinal, de processo económico idêntico ao que, na mesma época, teria caracterizado as relações mantidas entre a Estremadura e o Alto Alentejo, outra área geográfica susceptível de fornecer rochas duras de tipo anfibolítico em troca de sílex, manufacturado ou em bruto.

Enfim, as duas fases mais tardias representadas no monumento, sugerem a provável manutenção do seu estatuto funerário: trata-se de fragmento de peça atribuível a braçal de arqueiro de época campaniforme e de dois fragmentos de cerâmica da Idade do Bronze; corresponderiam a inumações individuais efectuadas na câmara ou na mamoa do monumento, que, deste modo, ainda conservaria, ao menos em parte, a carga simbólica inerente à sua primitiva utilização.

## 5. Conclusões

---

### 5.1.

É de salientar que as diferenças arquitectónicas entre os dois monumentos são corroboradas pelas diferenças verificadas entre os respectivos espólios. O monumento de planta circular fechada (anta 6), atribuível aos primórdios do megalitismo regional encontra paralelos evidentes em vários monumentos, tanto do Norte como do Sul de Portugal.

Do ponto de vista cultural estaríamos pois nos alvares do Neolítico Médio ou ainda nos últimos momentos do Neolítico Evolucionado. Significa isto que o megalitismo tanto quanto



se poderá afirmar no estágio actual dos nossos conhecimentos teve origem sincrónica no actual território português.

Estaríamos pois na situação descrita por Gonçalves (1992, p. 173) segundo a qual o megalitismo seria a expressão própria de grupos humanos em estágio idêntico de desenvolvimento. Nessa época o território português encontrar-se-ia pois ocupado tanto no litoral como no interior, no Sul e no Norte, por grupos humanos culturalmente semelhantes.

## 5.2.

Com dois monumentos não é viável estabelecer uma evolução regional do megalitismo nos seus aspectos arquitectónico e artefactual, porém os dados apresentados são corroborados em ambos os níveis referidos em outras regiões do país e mesmo na Galiza. Lembremo-nos que já em 1953 López Cuevillas (1953) admitia uma primeira fase do megalitismo galego representada por dólmenes fechados ou com corredor pouco desenvolvido a qual veio a ser plenamente corroborada ulteriormente (Casal, 1979, p. 109). Tal evolução no sentido de câmaras de forma poligonal e corredor crescentemente diferenciado foi depois assinada por Silva e Soares (1983) para a região litoral baixo-alentejana ainda que baseados apenas num monumento para cada um das três fases identificadas.

Tal perspectiva monofilética não foi porém a que Jorge defendeu para o megalitismo da Serra da Aboboreira (Jorge, 1984, 1986, 1988) ao valorizar o polimorfismo arquitectónico, ainda que aceitando menor antiguidade dos monumentos de maiores dimensões e mais complexos. Foi também o que admitiu Oliveira (1997) no que respeita ao megalitismo da bacia do Sever. O autor defende a contemporaneidade entre as pequenas câmaras de xisto da Foz do Sever e os grandes monumentos, com câmara e corredor, construídos em granito, da orla da serra de São Mamede.

Porém, a perspectiva que vingou no concernente ao megalitismo da Aboboreira encontra-se consubstanciada pelo trabalho de Cruz (1992) ao fasear, com base na arquitectura e respectivos espólios, os monumentos megalíticos daquela área arqueológica. Foi esse modelo que adoptámos, no pressuposto que espólios tão diferenciados, como os que foram recolhidos nos dois monumentos escavados, não poderão significar senão momentos cronológico-culturais distintos.

Claro que tal não significa a impossibilidade de utilização simultânea de monumentos de tipologias diferentes. É sabida a longevidade de reutilizações sucessivas dos monumentos megalíticos.

O carácter peculiar destes monumentos constituindo verdadeiros marcos na paisagem explica a recorrência da sua utilização funerária bem evidenciada no caso da anta 2 do couto da Espanhola com reutilizações comprovadas na Idade do Bronze (Cardoso et al., 1997).

## 5.3.

Em ambos os monumentos encontra-se documentado, indirectamente, com base no espólio recolhido, reduzido número de deposições. Assim, na anta 6, pequeno monumento fechado, admite-se uma deposição na fase 1, duas deposições na fase 2 e de novo uma deposição na terceira e última fase de utilização do monumento. Na anta 2, monumento de longo corredor e câmara poligonal, esta terá recebido uma deposição, enquanto se admite terem

ocorrido duas deposições no corredor. Trata-se seguramente de monumento que se inscreve em fase evoluída do megalitismo regional (Neolítico Final/Calcolítico Inicial).

#### 5.4.

A diversificação artefactual, expressiva na anta 2, evidencia actividades económicas crescentemente diferenciadas. A associação de pontas de seta de tipologia variada corresponde a uma realidade desprovida de significado crono-cultural, aliás documentada noutros monumentos, indicando estreitas afinidades com conjuntos estremenhos. Com efeito, a abundância de peças de sílex, grandes lâminas obtidas a partir de núcleos volumosos, indica comércio transregional de tais artefactos, já acabados, oriundos daquela região através do vale do Tejo. Estes artefactos seriam permutados por lingotes pré-formatados de anfiboloxisto, matéria-prima abundante na região da Beira interior.

#### 5.5.

Outro aspecto de realce respeita à ocorrência de pequenos fragmentos cerâmicos, na anta 2, alguns dos quais rolados, que poderão ter sido levados juntamente com terra da zona de habitat aquando da construção da mamoa. Esses materiais poderiam ter tombado para o interior da câmara ou ali colocados intencionalmente.

#### 5.6.

A cerâmica na fase mais antiga da ocupação da anta 6 do Couto da Espanhola tendo significado cultural não deixará, neste caso, de revestir também conotação cronológica. Com efeito está presente na fase mais tardia daquela utilização bem como na anta 2 do Couto da Espanhola. Nesta última aparentemente estaria também presente situação com carácter cronológico, visto os materiais cerâmicos ocorrerem apenas no corredor cuja ocupação se teria sucedido à da câmara.

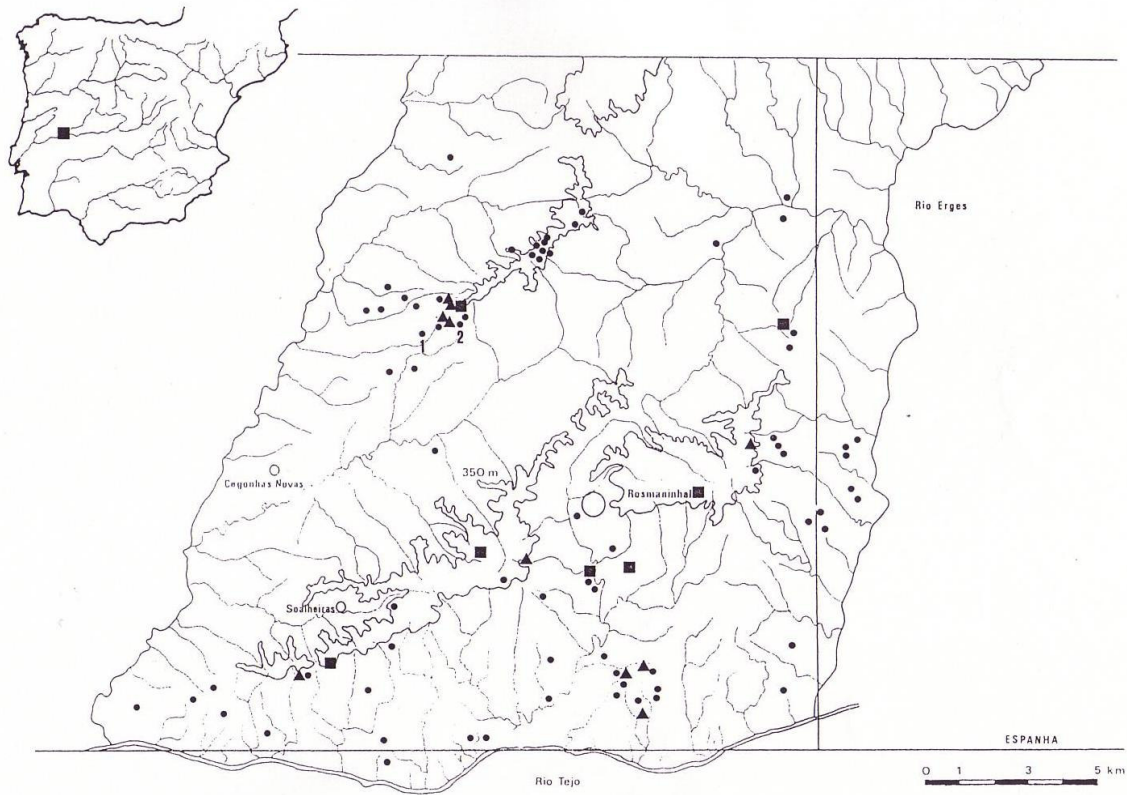


Fig. 1 – A região do Tejo internacional com implantação dos monumentos e sítios atribuíveis à Pré-História recente (círculo: antas e mamoa; quadrado: habitat e achados dispersos; triângulo: recintos megalíticos, menires e rochas com covinhas). Localização dos monumentos referidos neste trabalho: anta 2 do Couto da Espanhola (1); anta 6 do Couto da espanhola (2).

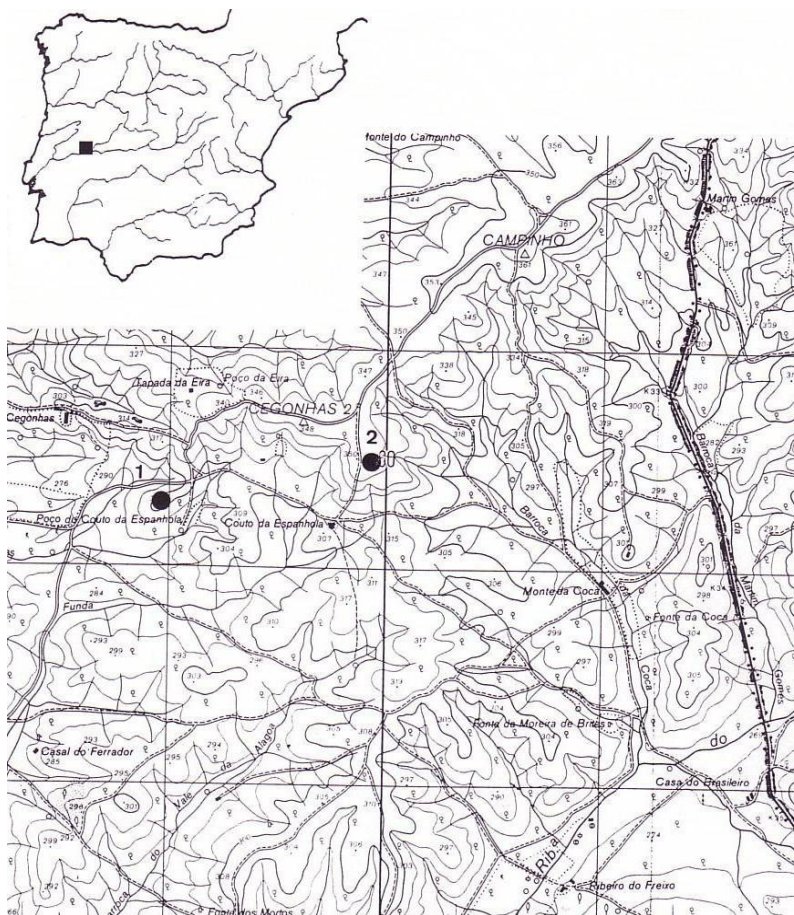


Fig. 2 - Localização dos monumentos referidos neste trabalho em extracto da Carta Militar de Portugal, folha 294, na escala 1: 25 000: anta 2 do Couto da Espanhola (1); anta 6 do Couto da espanhola (2).

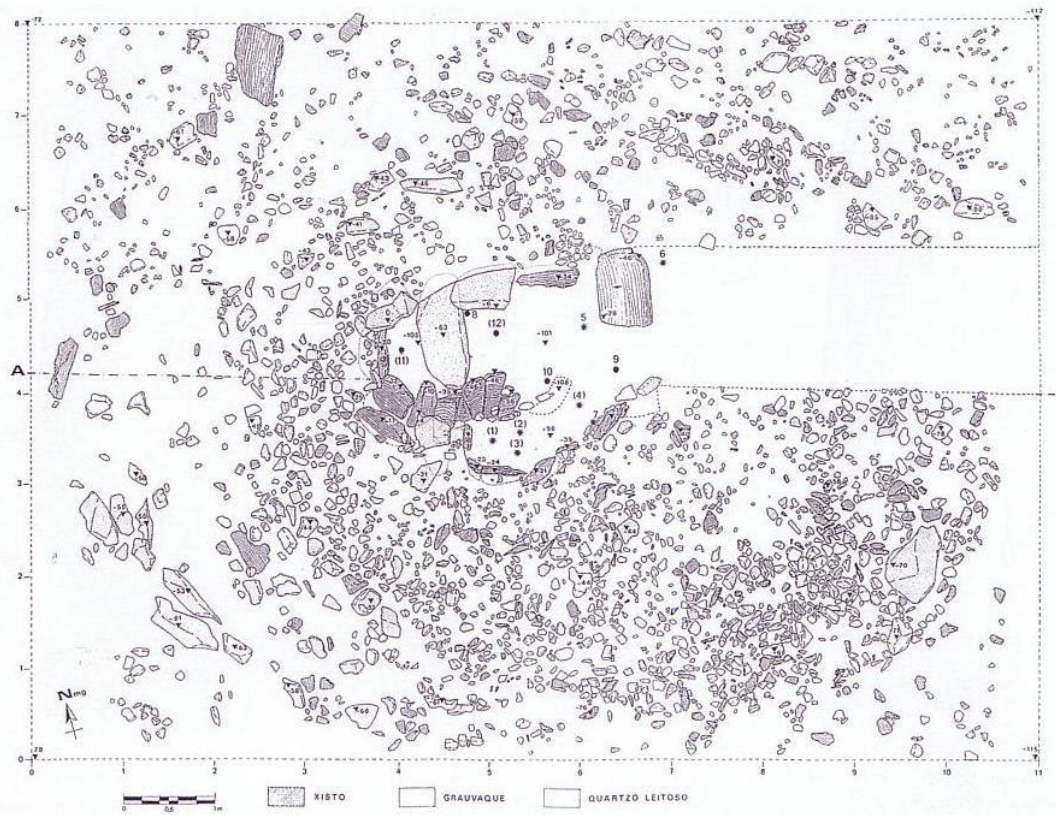


FIG. 3 – Anta 6 do Couto da Espanhola. Planta geral do monumento (redução do levantamento original efectuado à escala 1:20).

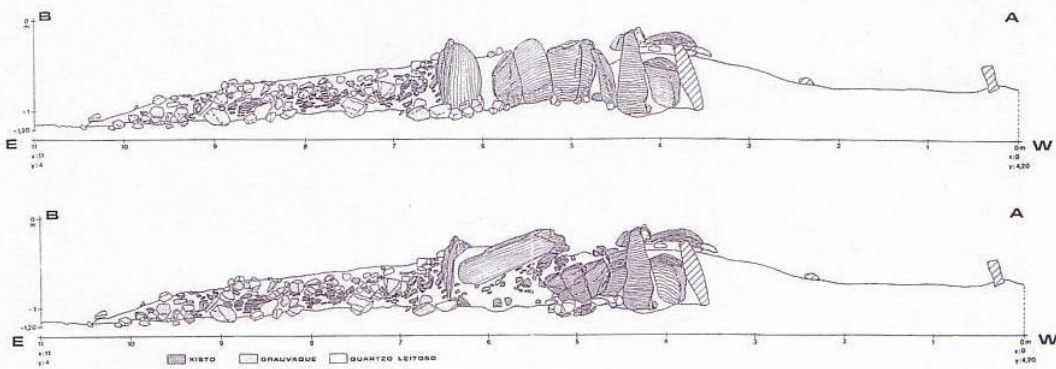


FIG. 4 – Anta 6 do Couto da Espanhola. Corte do cairn, mostrando a sua estrutura interna, alçado meridional do recinto primitivo (em cima) e alçado meridional do recinto correspondente à terceira fase de utilização (em baixo).

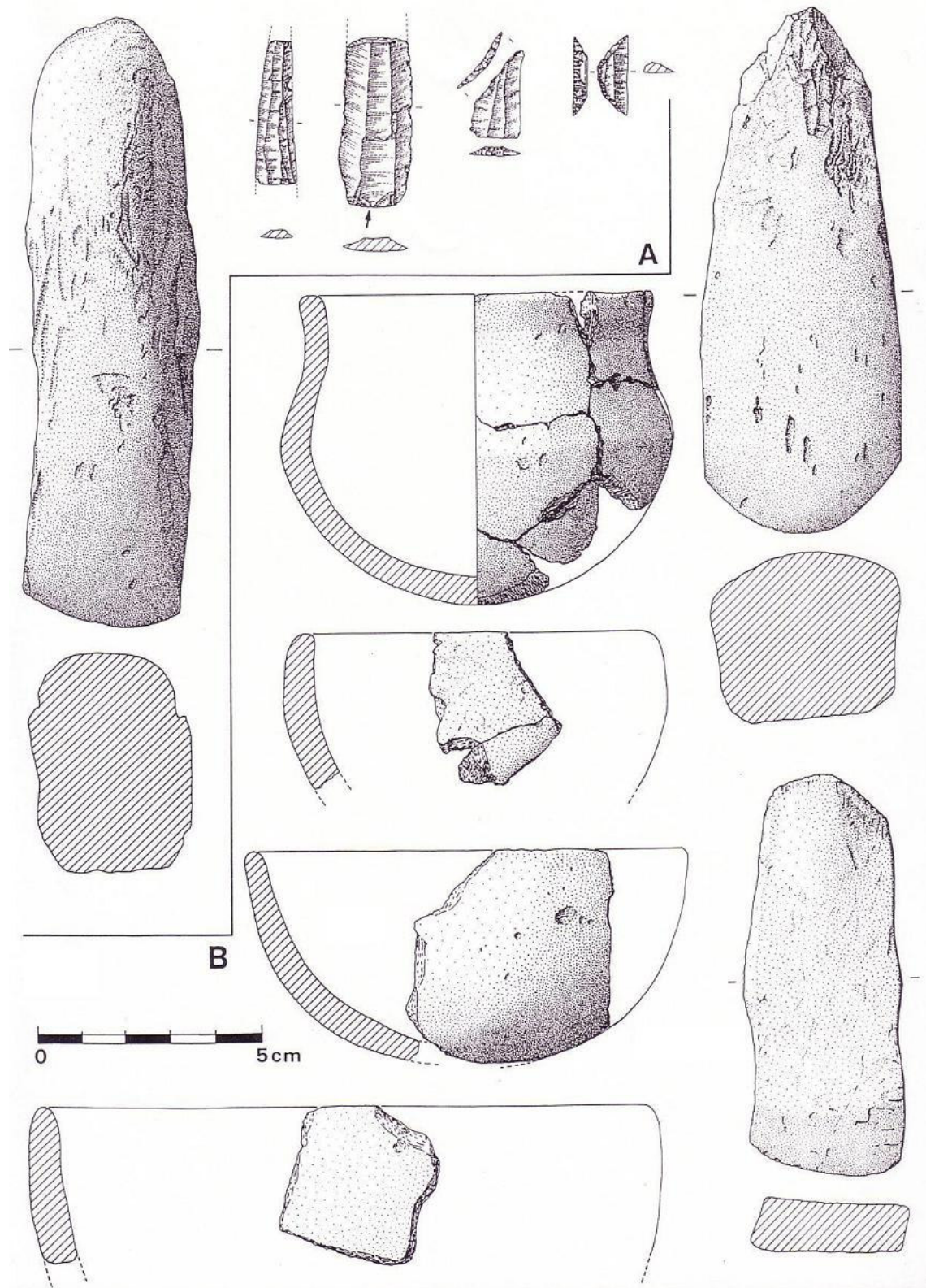


Fig. 5 – Anta 6 do Couto da Espanhola. Espólio arqueológico exumado na câmara meridional, correspondente à 2ª fase de utilização (A), e na sepultura cistóide, correspondente à 3ª fase de ocupação do monumento (B).



FIG. 6 – Anta 6 do Couto da Espanhola. Vista da câmara meridional depois de totalmente escavada.



FIG. 7 – Anta 6 do Couto da Espanhola. Vista geral da câmara do monumento correspondente à primeira fase, evidenciando contorno oval e fechado, no final da escavação.

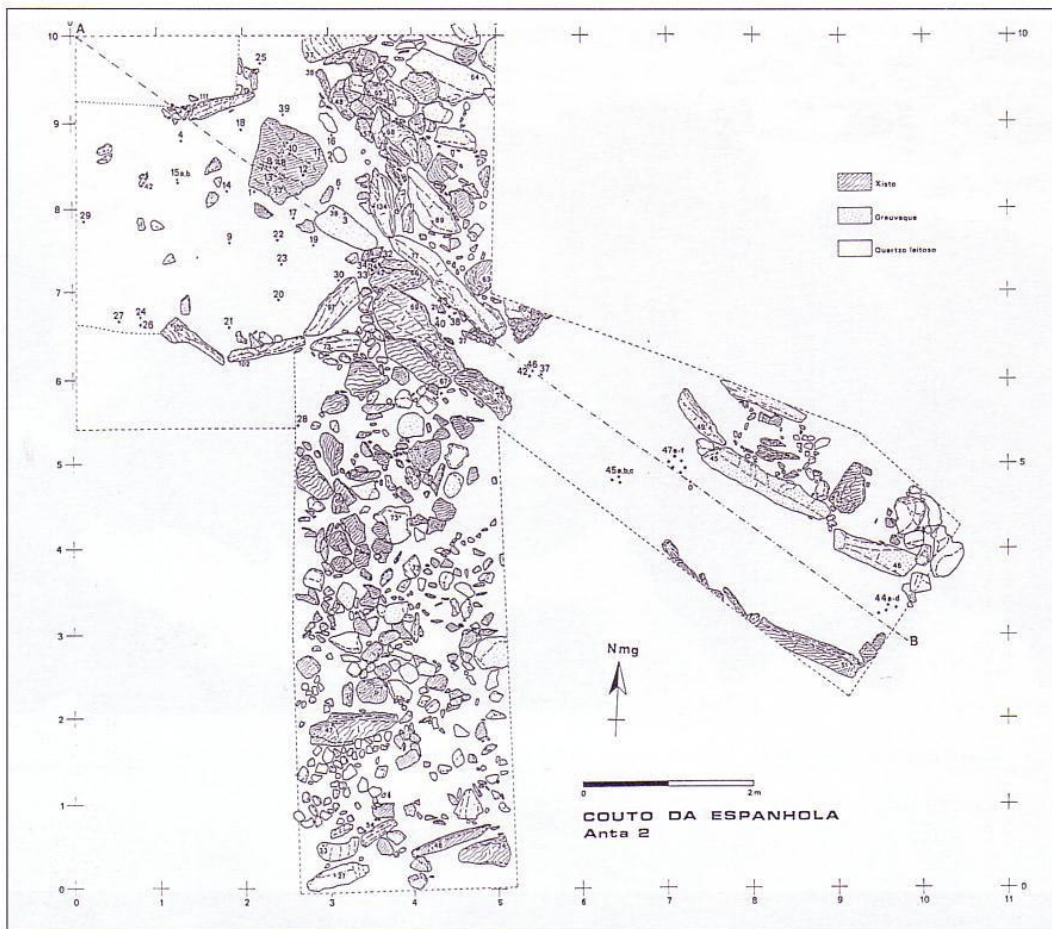


FIG. 8 – Anta 2 do Couto da Espanhola. Planta do monumento no final da escavação, com localização do espólio recolhido (ver Cardoso et al, 1997, para a compreensão da sequência numérica indicada).

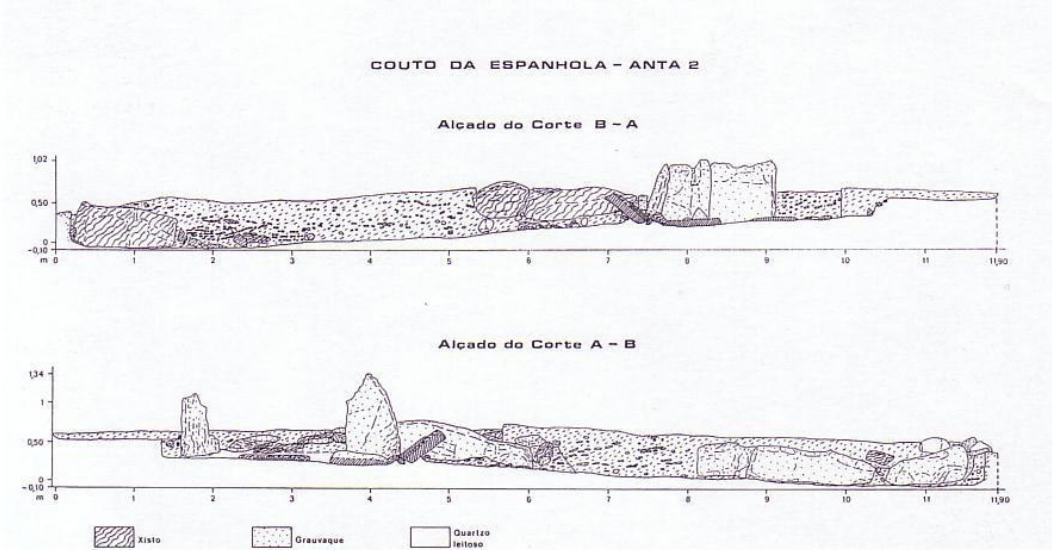


FIG. 9 – Anta 2 do Couto da Espanhola. Corte longitudinal no final da escavação e respectivos alçados, observados de sudoeste (AB) e de nordeste (BA).

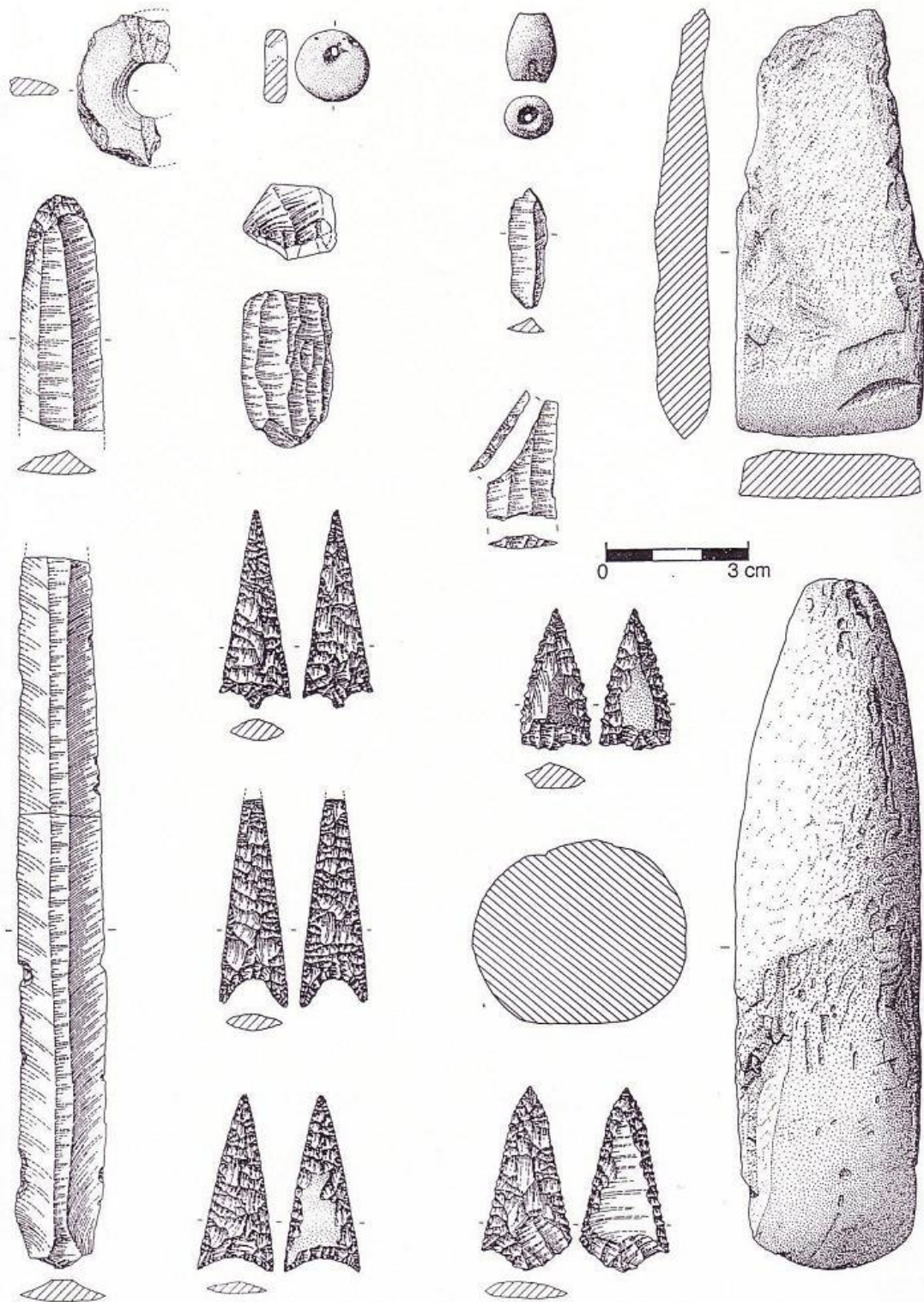


Fig. 10 – Anta 2 do Couto da Espanhola. Algum espólio recolhido na câmara.



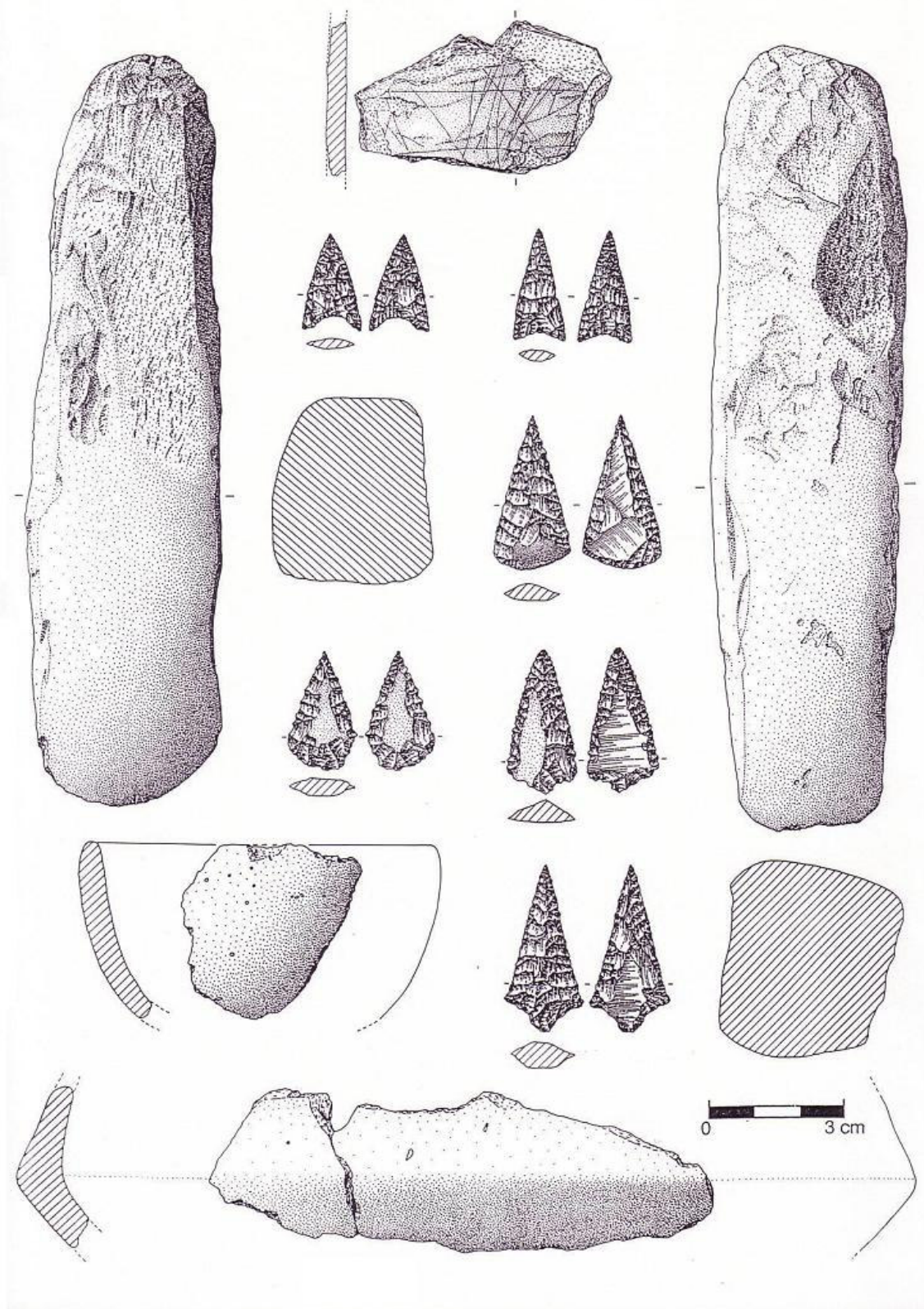


Fig. 11 – Anta 2 do Couto da Espanhola. Algum espólio recolhido no corredor.



FIG. 12 – Anta 2 do Couto da Espanhola. Vista geral do monumento no final da escavação.

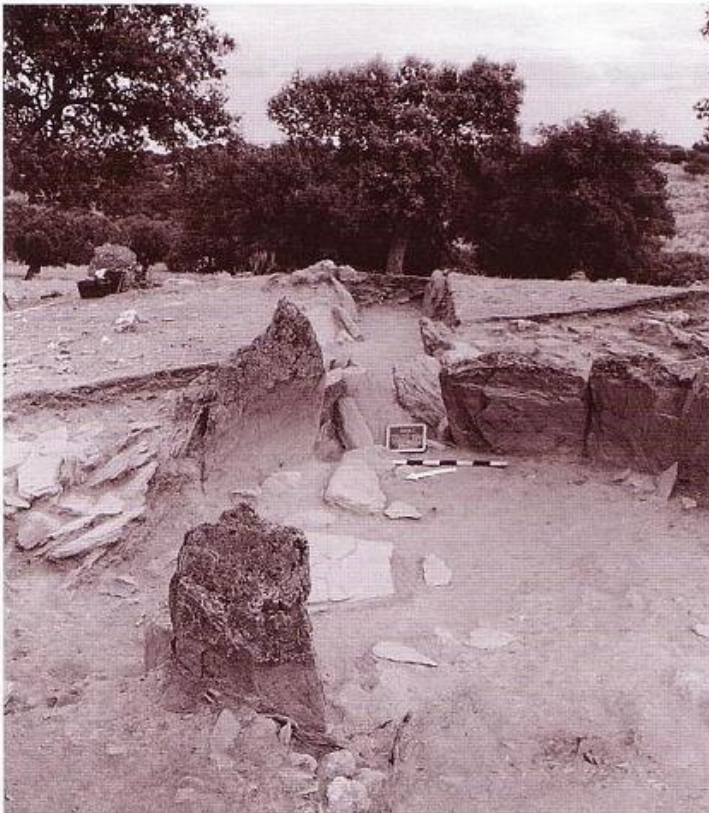


FIG. 13 – Anta 2 do Couto da Espanhola. Aspecto da câmara e início do corredor no final da escavação.

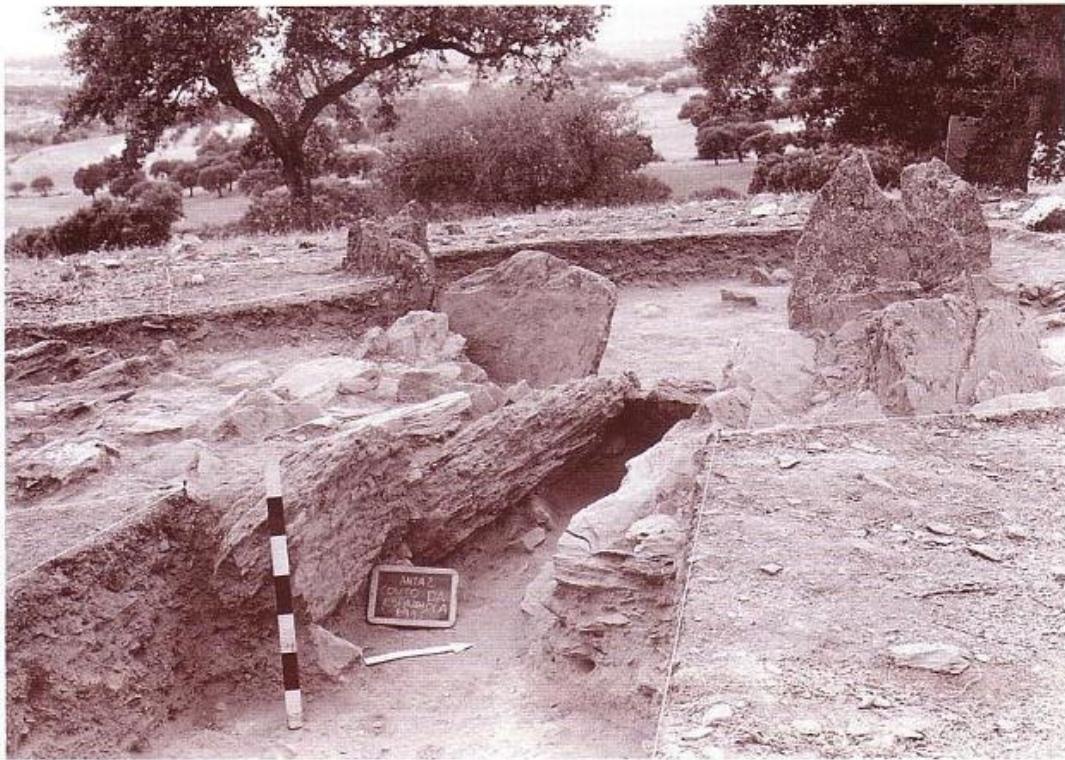


FIG. 14 – Anta 2 do Couto da Espanhola. Sector do corredor na passagem para a câmara.

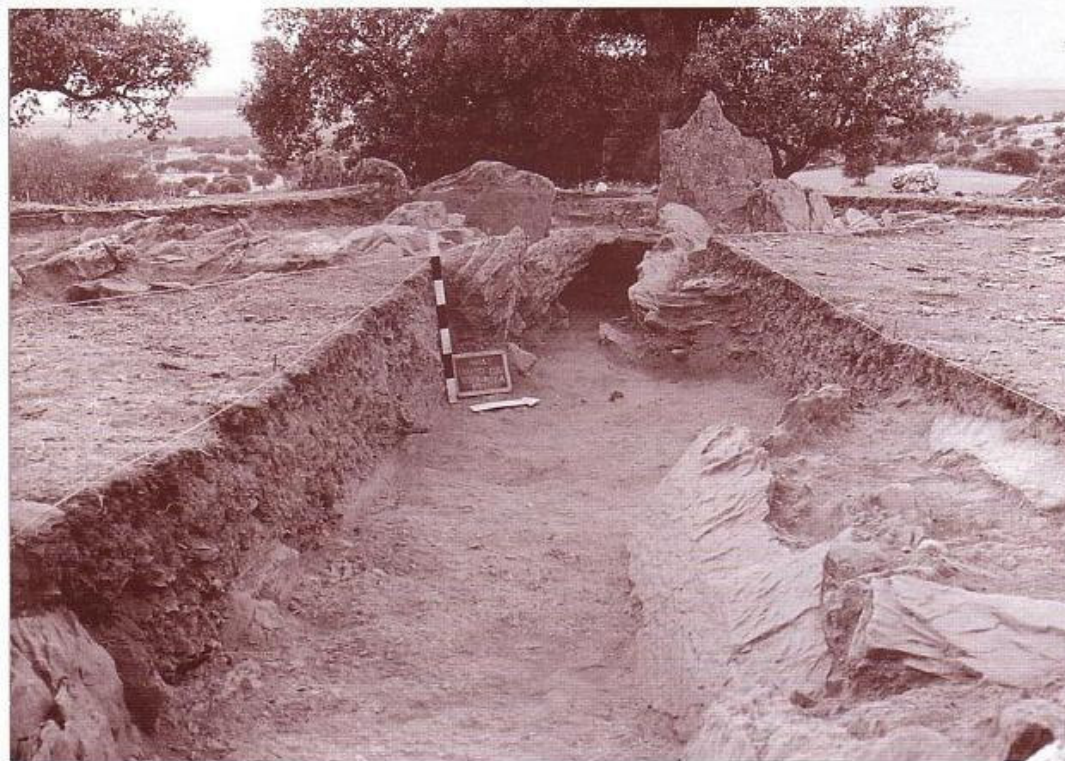


FIG. 15 – Anta 2 do Couto da Espanhola. Vista de conjunto do corredor no final da escavação, evidenciando-se a destruição sofrida no seu sector mediano.

- 
- <sup>1</sup> Universidade Aberta.  
<sup>2</sup> Associação de Estudos do Alto Tejo, Núcleo regional.  
<sup>3</sup> Associação de Estudos do Alto Tejo, Núcleo regional.

## BIBLIOGRAFIA

---

- ALMEIDA, F.; FERREIRA, O. da V. (1958) - Duas sepulturas megalíticas dos arredores de Idanha-a-Velha. *Revista de Guimarães*. Guimarães, 68, 3-4, p. 317-322.
- ALMEIDA, F.; FERREIRA, O. da V. (1959) - Sepulturas megalíticas dos arredores de Idanha-a-Velha. In *Actas do 1.º Congresso Nacional de Arqueologia (Lisboa, 1958)*. Lisboa, 1, p. 225-230.
- ALMEIDA, F.; FERREIRA, O. da V. (1971) - Um Monumento Pré-Histórico na Granja de São Pedro (Idanha-a-Velha). In *Actas do 2.º Congresso Nacional de Arqueologia (Coimbra, 1970)*. Coimbra, 1, p. 163-168.
- BUENO RAMÍREZ, P. (1994) - La necropolis de Santiago de Alcántara (Caceres): Una hipótesis de interpretación para los sepulcros de pequeño tamaño del megalitismo occidental, *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*. Valladolid. 60, p. 25-100.
- CANINAS, J. C.; HENRIQUES, F. (1995) - Exemplos de destruição do património arqueológico no Sul da Beira Interior. *Al-madan*. Almada. 4, p. 115-211.
- CARDOSO, J. L.; CANINAS, J. C.; HENRIQUES, F. (1995) - A Anta 6 do Couto da Espanhola (Rosmaninhal, Idanha-a-Nova). *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 3, p. 19-37.
- CARDOSO, J. L.; CANINAS, J. C.; HENRIQUES, F. (1996a) - Contributos para o conhecimento do Megalitismo na Beira Interior (Portugal): a região do Tejo Internacional. In *II Congreso de Arqueología Peninsular*. Zamora: Fundación Afonso Henriques.
- CARDOSO, J. L.; CANINAS, J. C., HENRIQUES, F. (1997) - A Anta 2 do Couto da Espanhola (Rosmaninhal, Idanha-a-Nova). *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 5, p. 9-28.
- CARDOSO, J. L.; FERREIRA, O. da V.; CARREIRA, J. R. (1996b) - O espólio arqueológico da grutas naturais da Senhora da Luz (Rio Maior). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 195-256.
- CARDOSO, J. L., GOMES, M. V., CANINAS, J. C., HENRIQUES, F. (1995a) - O Menir de Cegonhas (Idanha-a-Nova). *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 3, p. 5-17.
- CASAL, A. R. (1979) - O Megalitismo na Galiza. A sua problemática e o estado actual da investigação, Porto, 1978). In *Actas da 1.ª Mesa Redonda "O Neolítico e o Calcolítico em Portugal"*, (Trabalhos do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto. Porto; 3), p. 103-115.
- CRUZ, D. (1992) - *A Mamoa 1 de Chã de Carvalhal (Serra da Aboboreira)*. Coimbra: Instituto de Arqueologia.
- GOMES, M. V. (1994) - A necrópole da Alfarrobeira (S. Bartolomeu de Messines) e a Idade do Bronze no concelho de Silves. *Xelb*. Silves. 2, 162 p.
- GONÇALVES, V. S.; SOUSA, A. C. (1997) - A propósito do grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz e das origens do megalitismo no Ocidente peninsular. In *Colóquio Internacional O Neolítico Atlântico e as Orixes do Megalitismo* (A. Rodriguez Casal, ed.). Santiago de Compostela: Unión Internacional de Sciences Prehistoriques. p. 609-634.
- GONÇALVES, V. S. (1992) - Revendo as antas de Reguengos se Monsaraz Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 288 p.
- HENRIQUES, F. (1974) - *O recinto megalítico de Fonte Fundeira (Castelo Branco)*. Beira Baixa, n.º 1919, 29 de Junho, Castelo Branco.
- HENRIQUES, F.; CANINAS, J. C.; CHAMBINO, M. (1993) - *Carta Arqueológica do Tejo Internacional*, 3, Vila Velha de Ródão.
- HENRIQUES, F.; CANINAS, J. C.; CHAMBINO, M. (1995) - *Carta Arqueológica do Tejo Internacional*. 2, Vila Velha e Ródão.
- JORGE, V. O. (1984) - Escavação da Mamoa da Mina do Simão (Serra da Aboboreira-Amarante). *Arqueologia*. Porto, 9, p. 3-21.
- JORGE, V. O. (1986) - Escavação da Mamoa 3 de Meninas do Crasto. Serra da Aboboreira (Baião). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 26:1-4, p. 75-93.

- JORGE, V. O. (1988) - Datas de Carbono 14 para a Mamoa de Chã de Parada 4 (Baião). *Arqueologia*. Porto. 17, p. 121-123.
- KALB, P. (1990) - *Megalithgräber zwischen Tejo und Douro*, Madrider Forschungen, Band 16, p. 19-33, Berlin.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1951) - Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz. Lisboa: Instituto para a Alta Cultura.
- LEISNER, V. (1970) - Micrólitos de tipo tardenoisense em dólmenes portugueses. In *Actas das I Jornadas Arqueológicas*. Lisboa, 2, p. 195-199.
- LEISNER, V. (1983) - As diferentes fases do Neolítico em Portugal. *Arqueologia*. Porto. 7, p. 7-15.
- LÓPEZ CUEVILLAS, F. (1953) - Caracteres de la cultura megalítica del Noroeste. In *II Congreso Nacional de Arqueología*, p. 271-272.
- OLIVEIRA, J. T., ed. (1992) - *Carta Geológica de Portugal na escala 1/500 000*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- OLIVEIRA, J. M. F. (1997) - Monumentos megalíticos da Bacia Hidrográfica do Rio Sever. *Ibn Maruán*, edição especial, tomo 1, Lisboa.
- PEREIRA, F. A. (1934) - A Pedra d'Ante ou um monumento megalítico na Beira Baixa. *O Archeologo Português*. Lisboa. 29, p. 49-73.
- PROENÇA JÚNIOR, F. T. (1910) - *Archeologia do districto de Castello Branco. Contribuição para o seu estudo*. Leiria: Typ. Leiriense.
- SANCHES, M. J. (1996) - *Ocupação pré-histórica do Nordeste de Portugal*. Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques.
- SILVA, C. T.; SOARES, J. (1983) - Contribuição para o estudo do megalitismo do Alentejo Litoral: A sepultura do Marco Branco (Santiago do Cacém). *O Arqueólogo Português*. Lisboa, s. 4, 1, p. 63-87.
- SILVA, F. A. P. (1994) - Túmulos do Centro-Norte litoral. Prolegómenos a uma periodização. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa, 2, p. 9-33.
- SOARES, J.; SILVA, C. T. (1992) - Para o conhecimento dos povoados do megalitismo de Reguengos. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9-10, p. 37-88.
- UERPMMANN, M. (1995) - A indústria de pedra lascada do Zambujal: Alguns resultados. In KUNST, M., ed. - *Origens, estruturas e relações das culturas calcolíticas da Península Ibérica*. Lisboa: IPPAR. (Trabalhos de Arqueologia; 7).
- VILAÇA, R.; CRISTOVÃO, E. (1995) - Povoado pré-histórico de Monte do Trigo (Idanha-a-Nova). *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 3, p. 201-211.
- VILAÇA, R. (1995) - A ocupação neocalcolítica do Monte do Frade (Penamacor). In *Actas da 3.ª Reunião do Quaternário Ibérico (Coimbra 1993)*, p. 499-511.